

Episódio 06: O mundo não vai acabar

Link: https://ddt21.noblogs.org/?page_id=3200

"O apocalipse de que você ouve falar não é real.

Armand Robin, *Unwanted Poems (Poemas indesejados)*, 1943-1944

O catastrofismo tem o vento em suas velas, às vezes tingido de marxismo, como vimos no capítulo anterior: um mundo à beira do colapso está nos levando com ele, e há uma necessidade urgente de agir... ou talvez não, se já for tarde demais. Mas de que tipo de colapso estamos falando?

1 / SUAVE

O colapso é uma imagem marcante: algo ou alguém entra em colapso. Mas o declínio ou o desaparecimento das sociedades é menos um choque ou uma ruptura do que um declínio geralmente acompanhado por uma transformação durante um longo período, geralmente vários séculos, e é raro que a decomposição não seja também uma recomposição.

"Só porque os "recursos" estão se tornando mais escassos e (quase) todas as atividades serão radicalmente realocadas, não significa que as estruturas organizacionais atuais de nossas sociedades vão desaparecer ou que o produtivismo vai parar. A esse respeito, há uma grande falha na apresentação do "pico" (que está mais para um platô) da produção de combustíveis fósseis. Está implícito, e às vezes explicitamente apresentado, que a rarefação dessas energias faria com que o capitalismo entrasse em colapso. A escassez não significa o fim das relações de produção (pelo contrário). O produtivismo irá até o fim, até a última gota, se deixarmos. Não haverá fim para o capitalismo mecânico [...], haverá 'apenas' uma realocação dos 'recursos' disponíveis [...] e uma maior intensidade nas relações de exploração e na extração de matéria. [...] A eletricidade não desaparecerá; os cortes de energia serão esporádicos. A Internet não entrará em colapso da noite para o dia, mas parte da população se verá desconectada, com acesso cada vez mais inacessível". (Jérémie Cravatte)

O setor nuclear encontrará algum país pobre para servir de depósito para seus resíduos tóxicos. As 3.800 mortes em Bhopal, em 1984, não acabaram com a indústria química indiana ou com a Union Carbide. As espécies podem desaparecer e o Mar de Aral pode secar sem que a Terra ou o capital, que não esgotou suas capacidades de regeneração, deixem de girar. Parece que, como Pierre Souyri escreveu há quarenta anos, "*o único limite para a existência do capitalismo é a conclusão das revoluções*". No momento, as forças reformistas *do estilo Green New Deal* ainda são minoria, mas as classes dominantes não têm escassez de maneiras de mitigar os efeitos do aquecimento global, usando os métodos mais "bárbaros", se necessário. O século XX foi repleto de surpresas, sendo o nazismo e o stalinismo apenas as mais evidentes. E que catástrofe para quem? Os 1% privilegiados darão um jeito: enclaves residenciais "seguros" com seus próprios serviços públicos (incluindo polícia privada), geradores de emergência, comportas, etc. O clima não é o "grande equalizador". Além disso, precisamos perceber que as previsões dos colapsologistas só têm um aspecto catastrófico e apocalíptico para os habitantes das regiões mais "modernas" do ponto de vista capitalista: mais de quatro em cada cinco seres humanos já estão frequentemente sujeitos a uma "sobriedade" forçada e infeliz... No caso de um "colapso" ou de uma grande mudança climática, o resultado mais provável é uma forte deterioração das condições de vida da maioria das populações, sem a aniquilação da espécie humana.

2 / PENSAMENTO SISTÊMICO

A colapsologia se vê como uma nova ciência interdisciplinar, uma síntese de todas as outras, humanas, naturais, da vida... uma forma de pensar autenticamente sistêmica.

É, sem dúvida, Joseph Tainter, com sua abordagem sistematicamente sistêmica, quem melhor ilustra seus limites, em seu livro pioneiro *L'Effondrement des sociétés complexes* (*O colapso das sociedades complexas*), publicado em 1988 e traduzido para o francês em 2013 graças ao movimento colapsológico. A partir de seus estudos sobre os romanos, os maias e os chacoans (da cultura anasazi, hoje no noroeste do Novo México), ele conclui que uma sociedade corre o risco de desequilíbrio quando um de seus componentes fundamentais se desenvolve excessivamente em detrimento dos demais. Mas, na verdade, para ele, a principal causa do desequilíbrio seria uma queda na produtividade, levando a uma produção insuficiente de alimentos e, conseqüentemente, a um colapso na unidade social, resultando em perda de dinamismo, desintegração, invasão... Basicamente, Tainter comparou a sociedade a uma máquina que desempenha uma função, mas que estava fadada a dar errado. Com um novo vocabulário, esse

"pensamento complexo" revive a antiga oposição entre recursos e necessidades, entre produção e consumo, uma tese exposta há dois séculos por Ricardo (os retornos decrescentes da terra e do capital) ou Malthus (a superpopulação superando a produção). Em termos didáticos e com uma profusão de números, Tainter nos diz que a complexidade sociopolítica inicialmente possibilita a solução dos problemas da sociedade, mas que, com o passar do tempo, ela tende a aumentar, a se tornar cada vez mais cara e cada vez menos eficaz: à medida que grandes sistemas, como o Império Romano, perdem gradualmente a energia necessária para se perpetuar, o colapso se torna inevitável, seguido ou não pela refundação.

Aplicando esse modelo ao mundo contemporâneo, em 1988, Tainter fez um diagnóstico pessimista sem prever uma cura, porque desta vez, segundo ele, o retorno negativo (de todos os pontos de vista) não poderia ser compensado, especialmente porque, ao contrário da Roma antiga, vivemos em uma sociedade global, portanto o colapso será geral, e o autor tinha pouca esperança de "decrescimento econômico":

"Enquanto escrevo este livro [1988], é difícil saber se o mundo industrial já atingiu o ponto em que o retorno marginal de seu modelo de investimento começou a declinar. A história recente mostra que atingimos retornos decrescentes em nossa dependência de combustíveis fósseis e de algumas matérias-primas. [Não temos a opção de voltar a um nível econômico mais baixo, pelo menos não como uma opção racional. A concorrência entre regimes complexos leva a uma maior complexidade e ao consumo de recursos, independentemente dos custos, humanos ou ecológicos. O colapso, se e quando ocorrer novamente, desta vez será global.]"

A história é explicada aqui pela desproporção entre necessidade e disponibilidade, sendo a criação de riqueza impossibilitada por suas próprias condições de produção: quanto mais investimos, menos crescemos. Como Roma no passado, mas com o poder destrutivo da indústria e dos combustíveis fósseis. O pensamento sistêmico de Tainter reescreve o truísmo burguês de todos os tempos e de todos os governos: "Não se pode gastar mais dinheiro do que se tem", exceto pelo fato de que "dinheiro" é substituído por "recursos naturais" (administrando como um "bom pai", Bordiga brincou em 1954).

Podemos escapar do que Tainter apresenta como uma "lei histórica" fatal? Não, porque o sistêmico é geralmente um pessimista: mais uma vez, o "sistema" foi o mais forte, então tudo o que resta é viver com ele o mínimo possível, tentando se adaptar ao que fizemos, mas que somos incapazes de desfazer.

3 / FÍSICA SOCIAL

O mais grave em relação aos colapsologistas não são os erros de previsão pelos quais eles são frequentemente criticados: em mais de uma área, suas previsões provavelmente serão confirmadas. O problema está em sua abordagem.

O século XIX inventou a física social, que estudaria as organizações humanas e as relações sociais e estabeleceria as *leis* da história com a mesma objetividade de um astrônomo que estuda as estrelas ou de um biólogo que estuda insetos. Em particular, Saint-Simon (1760-1825) propôs sua *fisiologia social*, parte de uma fisiologia geral que estuda o funcionamento das comunidades. Mas foi Auguste Comte quem chamou a *sociologia* de física social, definida da seguinte forma:

"a ciência cujo objeto próprio é o estudo dos fenômenos sociais, considerados no mesmo espírito dos fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, ou seja, sujeitos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de sua pesquisa". (*Opuscles de philosophie sociale*, 1819-1826)

Auguste Comte profetizou uma nova era de progresso histórico trazido pela ciência. Os colapsologistas do século XXI, que acreditam que a catástrofe é iminente, também estão procurando as "leis naturais" dos "fenômenos sociais", e seu método está próximo da física social.

A colapsologia vê o mundo como um veículo cujo motor é desmontado (a era da automação e da tecnologia digital exige o uso de modelos matemáticos refinados desconhecidos por Auguste Comte). Suas análises têm certo mérito, em especial o fato de reunirem uma grande variedade de dados, mas têm a falha incapacitante de passar constantemente das ciências naturais para as ciências sociais, misturando índices do mercado de ações, graus de temperatura, preços da gasolina e taxas de extinção como se determinassem uns aos outros.

Mas o capitalismo não é uma máquina, nem funciona como uma. Não mudamos para o carvão, depois para o petróleo e depois para a energia nuclear com base nos critérios de maior eficiência energética. Os engenheiros estão a serviço da burguesia. Os cálculos de produtividade aplicados à energia (a "parede termodinâmica") fazem muito pouco para explicar o fluxo e refluxo do capital.

Na crença de que leva em conta tanto o humano quanto o natural, o catastrofismo amalgama os dois e naturaliza as relações sociais. Não se pode falar seriamente sobre a "vida" de uma sociedade se você esquecer que ela é uma *imagem* e que uma sociedade não nasce, evolui ou morre como uma rosa ou um gato.

Misturar tudo dessa forma confunde o irreversível com o reversível. Como J. Cravatte ressalta, existem "*mudanças irreversíveis - para as quais só podemos tentar limitar e nos preparar (como a destruição da biodiversidade e as mudanças climáticas)*" e "*mudanças completamente reversíveis (como a ascensão do fascismo, o transumanismo ou a financeirização do mundo)*".

4 / RESILIÊNCIA

Os colapsologistas estão prevendo uma reviravolta inevitável, e tudo o que podemos fazer *hoje* é nos preparar para o que nos espera *amanhã*: morte, barbárie ou, se quisermos e formos capazes disso, uma vida razoável em escala humana. E eles não têm falta de ideias e programas para implementar nesse meio tempo: produção em pequena escala, comércio em pequena escala, consumo em pequena escala, cooperativas, vida local, em outras palavras, um retorno - forçado, mas benéfico para nós e para a natureza - a uma era pré-industrial, embora certamente ainda um pouco "conectada". Sem carros, mas com computadores. Julien Wosnitzer, colapsologista, 24 anos, recomenda "[...] *buscar o desperdício zero e a reciclagem local, [...] tentar causar o menor dano possível à vida e aos animais ao nosso redor, preservando o nível local, [...] cultivar nossos próprios vegetais, [...] preparar uma comunidade de habilidades diversas, independentes, interdependentes e resilientes. E, acima de tudo, não se esqueçam de amar uns aos outros. (Pourquoi tout va s'effondrer, Les Liens qui libèrent, 2018)*

E, por enquanto, organizar uma sociedade paralela (mas *não* antagônica à sociedade dominante), composta de eco-vilas e "*oficinas que se conectam*", membros de "*um imenso corpo vivo do qual fazemos parte*" localizado "*já no mundo depois*".

Julien não é o único a nos convidar para a "resiliência". Palavra da moda nos últimos anos, ela dá a impressão de ser algo novo, mas suas origens foram esquecidas: usada na física, ela se tornou comum na psicologia e na psiquiatria, que a utilizam para pessoas que sofreram traumas graves: deportados sobreviventes, crianças de rua, órfãos, doentes graves etc. São categorias vitimadas, vulneráveis, incapazes de agir sobre a causa do trauma porque ele já ocorreu, apenas sobre seus efeitos, e que precisam de especialistas para superá-lo. Não há nada de neutro nessa noção quando ela é aplicada a indivíduos, grupos ou populações, que são, portanto, condenados a um papel passivo. De agora em diante, pequenas comunidades "resilientes" terão mais condições de resistir ao que somos incapazes de evitar.

Antes, éramos convocados a obedecer a uma tradição garantida por mil anos de história. Agora temos de nos submeter a um futuro que já está aqui.

Antes, o irrealismo de acreditar que a revolução era possível e, portanto, rejeitar a reforma, era ridicularizado. Agora o mundo é descrito como irreformável. Em comparação com os partidos políticos (incluindo os Verdes) que afirmam ser capazes de evitar a catástrofe, a ambição colapsológica é pequena: acomodar-nos ao inevitável, pelo menos para aqueles que sobreviverem.

5 / APOCALIPSE FELIZ

A colapsologia é tanto uma abordagem "espiritual" quanto uma nova transdisciplina científica. Como a *Nova Era* da morte de um mundo, uma religião sem um deus, ela anuncia nada menos que um apocalipse. No sentido grego, é uma revelação. O Apocalipse de João fala do fim dos tempos: "*Granizo e fogo misturado com sangue foram lançados sobre a terra; e a terça parte da terra foi queimada, e a terça parte das árvores foi queimada, e toda a grama verde foi queimada*". (capítulo 8, § 7). Mas essa conclusão dá início a outro mundo: "*Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra haviam passado, e não havia mais mar. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu [...]*" (capítulo 21, § 1 e 2).

No texto atribuído ao "apóstolo João", a morte do mundo era equivalente à ressurreição. Os colapsologistas estariam mais alinhados com os profetas de Israel que prometiam desgraças ao povo judeu se eles desobedecessem.

Seja na tradição do Antigo ou do Novo Testamento, a colapsologia tem suas raízes em uma visão religiosa: a raça humana deve expiar seu pecado de se abandonar à hipertrofia tecnológica em detrimento da natureza. Se a arrogância se refere ao comportamento humano considerado excessivo pelos deuses, então a humanidade merece ser punida por não ter demonstrado moderação.

O pecado original de um homem que foi vítima voluntária de sua própria extravagância (querendo saber tudo e acreditando que podia fazer tudo), a queda, a saída do Jardim do Éden (que deve ser redescoberto, a decomposição da civilização industrial nos forçando a viver uma vida simples perto da natureza), o fim do mundo, a redenção, a regeneração por meio de catástrofes (salutares, em outras palavras), a criação de comunidades de "espera" antes do Dia do Julgamento por falhas ecológicas que são, na realidade, falhas de orgulho... estamos bem no meio do "*faça você mesmo*" religioso típico de nossa época.

6 / (ASSUSTE-SE)

Um livro recente descreve *The Uninhabitable Earth (A Terra Inabitável)*, onde muito em breve teremos que "*viver com 4°C a mais*". Muito sombrio e excessivamente

pessimista para alguns, realista e salutar para outros, é um best-seller. David Wallace-Wells afirma seu alarmismo: é melhor assustar muito o público do que não assustar o suficiente. O medo é um bom conselheiro, pois nos permite estabelecer um senso de urgência diante do qual todo o resto se torna secundário.

Mas o espetáculo da crise e os cenários catastróficos reforçam a impressão de impotência. Nós somos as vítimas, e as vítimas sofrem, se resignam ou reivindicam um protetor. Quanto mais falamos sobre "o clima", menos fazemos, exceto exigir que os detentores do poder tomem providências. Diante do inevitável, continuamos a deixar isso para os outros e confirmamos nossa incapacidade de agir em nossas vidas. O medo é um grande inibidor. Além disso, se o critério for a capacidade de autodestruição da humanidade, a raça humana não deveria ter parado de tremer desde 16 de julho de 1945, data da primeira destruição atômica. Gunther Anders traçou uma linha entre Auschwitz, Hiroshima e uma modernidade industrial mortificante, que ele via como a manifestação de uma "obsolescência humana" que estava a caminho, se é que já não estava aqui.

Esteticamente, a crença no fim do mundo é uma fonte de emoção, como a que podemos experimentar no Château d'Angers ao contemplar a *Tapeçaria do Apocalipse* criada no final do século XIV. Politicamente, o milenarismo de Thomas Münzer e a Guerra dos Camponeses buscavam derrubar a ordem social para criar um paraíso terrestre. Os apocalípticos do século 21 têm como objetivo apenas nos salvar do inferno.

G.D., março de 2021

LEITURAS

- Joseph Tainter, [*The Collapse of Societies \(Complex Ed. Le Retour aux sources*](#), 2013.
- Human Resource Use: [Timing and Implications for Sustainability](#) (Uso de recursos humanos: [tempo e implicações para a sustentabilidade](#))*, 2009.
- Pablo Servigne, Raphaël Stevens, *Comment tout peut s'effondrer*, Seuil, 2015.
- Uma crítica muito boa da colapsologia: Jérémie Cravatte, [*L'Effondrement, parlons-en... Os limites da colapsologia*](#). Bibliografia, glossário detalhado.
- David Wallace-Wells, *The Uninhabitable Earth. Living with 4°C more*, Robert Laffont, 2019.
- On religion in our time: [*The present of an illusion*](#), 2006.
- Coletivo, *Apocalypse: La Tenture de Louis d'Anjou*, Editions du Patrimoine, 2015.
- Sobre o milenarismo: Guy Debord, [*La Société du Spectacle*](#), 1967, tese 138.

E Yves Delhoysie e Georges Lapierre, [O Fogo do Milênio](#) Os Cangaciers, 1987.